

NARA BRITTO

## **Oswaldo Cruz: A construção de um mito na ciência brasileira**

Rio de Janeiro: Fiocruz, 2. ed. 2006. 111 p.

### **DIOGO FRANCO RIOS**

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências UFBA/UEFS

Recentemente foi reimpresso este livro que discute como o médico sanitário Oswaldo Cruz, que enfrentou, dentre as situações mais relevantes de sua vida pública, a luta contra a febre amarela no Rio de Janeiro no início do século XX, após sua morte é transformado em mito, “o apóstolo da ciência”, um herói nacional, desenraizado de seu contexto social, histórico e cultural, e instituído representante dos cientistas brasileiros, o símbolo da ciência no Brasil.

A autora, Nara Britto, doutora em sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ/Universidade Cândido Mendes), que atualmente dirige a Casa de Oswaldo Cruz – COC, centro de pesquisa integrado à Fiocruz e dedicado à memória e à história das ciências biomédicas e da saúde, apresentou este trabalho inicialmente como dissertação de mestrado em sociologia e antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em março 1992, tendo publicado uma primeira edição em 1995 pela Fiocruz.

Um trabalho que interessa principalmente a historiadores que discutem memória coletiva, seus usos e a relevância desta na constituição de identidades profissionais, por trazer um bom estudo de caso, onde a memória dos médicos sanitários brasileiros, com as reconstruções a que foi submetida, as comemorações e os silêncios são tomados como fatores primordiais na composição de um mito que se prestaria a representar perfeitamente os desejos e interesses desse grupo de cientistas.

Interessa também a historiadores da ciência preocupados com a institucionalização da medicina no Brasil, por figurar como uma alternativa aos textos clássicos sobre esse processo, e aos interessados na produção literária referente a Oswaldo Cruz, por apresentar uma extensa catalogação de biografias, livros, notícias ou artigos em periódicos referentes ao cientista, e ainda entrevistas com personagens próximos a Oswaldo Cruz, das quais algumas foram usadas no desenvolvimento da pesquisa.

Um dos aspectos mais marcantes do livro é a maneira como a autora utiliza as fontes e, sem interesse de montar um texto biográfico, se ocupa em esclarecer como o mito se firmou no lugar do

homem, numa operação de sobreposição entre a realidade e a imagem heroificada, não sendo mais possível delimitá-las.

Vale ressaltar que os heróis estão entre as narrativas míticas mais conhecidas e usadas desde as sociedades primitivas, símbolos poderosos da encarnação de idéias e aspirações coletivas, funcionando como pontos de referência e suporte para a identidade grupal, o que os tornam mecanismos eficazes a serviço da mobilização por uma causa, ou da legitimação de um regime. De modo que entender a construção do mito em torno de Oswaldo Cruz é entender o levante da bandeira da reforma na área da saúde no país, pelos sanitaristas.

Durante toda a narrativa procura-se explicar quais as razões para essa mitificação e a quem poderia interessar, demonstrando a existência de razões que ultrapassam os valores pessoais de Oswaldo Cruz e a estima de seus correligionários para o processo de idealização do homem, ocorrido a partir de sua morte.

O leitor é conduzido a perceber que a morte de Oswaldo Cruz ameaçou o desejo dos médicos sanitaristas e dos cientistas do seu instituto de sedimentar a legitimidade e conquistar novos espaços no contexto social e político brasileiro. A difusão do mito, então, prefigurava como uma alternativa que permitiria a manutenção de seus propósitos. Ou seja, à medida que o mito se consolidasse isso beneficiaria o grupo a que estivesse associado, por atuar como representante dos valores partilhados pelo grupo como um todo.

A propagação do mito, como considerada acima, sugere a existência de coesão de toda uma categoria de profissionais em torno do cientista Oswaldo Cruz, mas é aí que se torna mais importante a discussão sobre as conformações da memória, pois, segundo Britto, e tomando numa perspectiva de Pierre Bourdieu a organização do espaço profissional, Oswaldo Cruz, em vida, não desfrutou do consenso na corporação de médicos, nem dos cientistas brasileiros, mas encontrava-se na disputa por conquistar notoriedade no campo científico. Partindo desse paradigma explicativo, os médicos não formavam um corpo homogêneo, com um interesse comum, mas um ambiente de relações conflituosas, o que impedia que apresentassem um representante ao cenário político, que pudesse defender seus interesses profissionais.

Com a morte de Oswaldo Cruz, o culto à sua memória tornou-se força de legitimação profissional. Era necessário forjar publicamente a imagem de um consenso entre os membros do grupo e as aspirações do cientista, a qual foi reforçada com a criação da Liga Pró-Saneamento em 1918. A ascensão do "seu representante" ao status de "Pasteur brasileiro", associada à relação direta entre o saneamento e o progresso, defendida pelo movimento sanitarista, garantiria notoriedade e prestígio à profissão e viabilizaria que seus pares interferissem no debate das políticas de saúde pública da época.

No primeiro capítulo é apresentado, de maneira breve, um histórico sobre a trajetória da conquista de notoriedade no contexto médico-científico no Brasil e no exterior de Oswaldo Cruz e do Instituto de Manguinhos, que posteriormente assumiria o nome de seu mais famoso diretor. O segundo e terceiro capítulos tratam da enfermidade que o atingiu, da repercussão de sua morte, em fevereiro de 1917, e das conseqüências que advieram da ausência do cientista para a sobrevivência de sua instituição e para a reconfiguração do campo científico.

O quarto capítulo, intitulado "o culto à memória", merece maior destaque por tratar diretamente da construção do discurso mítico em torno de Oswaldo Cruz. Trata extensivamente dos fatores responsáveis pela heroificação do homem, das manipulações intencionais da memória coletiva, e do uso das celebrações e dos silêncios a fim de edificar o mito que representasse a identidade coletiva que se pretendia consolidar.

Foi analisada uma coleção de textos surgidos logo após a morte do cientista e que se propagaram até 1974, sendo relevante citar o livro *Oswaldo Cruz no julgamento dos contemporâneos*, de 1972, que trazia uma coletânea de textos publicados em sua maioria entre 1917 e 1922, comemorando o centenário de nascimento de Oswaldo Cruz e associando-o à comemoração do sesquicentenário da independência, numa tentativa de identificar a comemoração da categoria à celebração dos valores da nação.

Tal coleção, considerada pela autora como hagiografia de Oswaldo Cruz, mantinha em comum o caráter laudatório e a idéia de que as conquistas dele se deviam unicamente aos talentos particulares. Os discursos presentes nesses documentos tentavam dissociá-lo de ambições pessoais ou políticas; por exemplo, ao assumir o cargo de diretor da Saúde Pública, Oswaldo Cruz estava movido por sentimentos altruístas em favor da causa pública, o que, para Britto, era uma tentativa de desvincular a imagem do cientista dos juízos atribuídos à “politicalha vigente”.

O exemplo a seguir ilustra bem os “ajustes” operados na memória coletiva para a construção do mito: Oswaldo Cruz era considerado um poeta e sonhador. Em vida, tal característica lhe rendeu severas críticas de seus opositores, os quais consideravam que, por essa razão, ele não seria a pessoa mais indicada para assumir responsabilidades em assuntos sanitários. As reformas que Oswaldo Cruz propunha lhes pareciam fruto de uma mente fantasiosa. Contudo seus correligionários transformaram essa particularidade num traço romântico e positivo da personalidade desse cientista que “mantinha sua alma de artista”.

Por fim, o relançamento deste livro oferece a oportunidade de, a partir de uma leitura agradável, enxergar, num cenário que entrelaça política e ciência, a defesa pela implantação de um modelo de medicina no país com o auxílio do mito do “Pasteur Brasileiro”.